



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Práticas de letramento e produção de sentido de *layouts* na multimodalidade

Literacy and making meaning of layout in the multimodality

Francis Arthuso Paiva^a

^a Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil - francisapaiva@gmail.com

Palavras-chave:

Layout.
Multimodalidade.
Práticas de
Letramento.
Semiótica Social.

Keywords:

Layout.
Multimodality.
Literacy. Social
Semiotics.

Resumo: Este estudo parte das considerações sobre layout de Kress (2003, 2010) e Gualberto e Kress (2019); e, sobretudo, da observação e questionamento realizados por Bezemer e Kress (2016a), relativos à intensificação do uso de recursos de moldura e saliência do modo semiótico imagético no tratamento dado ao texto verbal nos layouts contemporâneos. Neles, os textos verbais são como blocos imagéticos, perdendo, inclusive, recursos característicos do modo verbal como o recuo de parágrafo. Além disso, sua conexão com outros blocos no arranjo multimodal é feita por meio de recursos do modo imagético como quadros, linhas e cores. Essas práticas comunicacionais e de letramento podem ocorrer nas plataformas on-line de templates de layout disponíveis na internet. O objetivo do presente estudo é contribuir com as práticas de letramento na produção de layouts nessas plataformas. Após a discussão sobre layout, apresentam-se outros exemplos que criam blocos imagéticos de informações verbais. Depois, a partir da perspectiva da semiótica social de Hodge e Kress (1988) e do discurso multimodal de Kress e van Leeuwen (2001), discute-se como os produtores podem lidar com recursos semióticos do modo imagético no modo verbal. A partir dessa discussão, são propostos dois objetos de análise: i. caminhos de leitura e ii. coesão por recursos imagéticos. Por fim, analisam-se esses objetos em dois diferentes layouts: whitepaper e infográficos com templates disponíveis nas plataformas. Na análise, são utilizados os estudos sobre layout supracitados, além das categorias de layout de van Leeuwen (2005), Kress e van Leeuwen (2006) e Paiva (2009).

Abstract: This study starts from considerations about the *layout* from Kress (2003, 2010) and Gualberto and Kress (2019), and from the observation and questioning carried out by Bezemer and Kress (2016a), regarding the intensification of the use of framing and salience of the visual semiotic mode in the treatment given to the text in contemporary *layouts*, in which texts are like blocks of images, even losing characteristic features of the linguistic mode, such as indentation. In addition, its connection with other blocks is also done through image mode features in the multimodal arrangement, such as frames, lines and cores. These communication and literacy practices can occur on the *on-line layout* platforms available on the internet. The aim of this study is to contribute to literacy practices in the production of *layouts* on these platforms. Other examples that create image blocks of verbal information are presented. Then, it is discussed how producers can deal with semiotic resources from the visual to the verbal mode through the perspective from Hodge and Kress's (1988) social semiotics and Kress and van Leeuwen's (2001) multimodal discourse. From this discussion, two objects of analysis are proposed: i. reading paths and ii. cohesion by imagery resources. Finally, these objects are analyzed in two different *layouts*: *whitepaper*



and infographics, both with *templates* available on the platforms. In the analysis, the aforementioned studies on *layout* are used, in addition to van Leeuwen (2005), Kress and van Leeuwen (2006), and Paiva's (2009) *layout* categories.

O LAYOUT NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA SOCIAL MULTIMODAL

Kress (2003, p. 67) tratou de *layout* a partir da sua função textual, que é responsável pelo arranjo dos elementos em uma página ou em uma tela. Seus questionamentos principais eram: como fazer os elementos que compõem o conjunto de um *layout* serem coerentes no espaço da página ou tela? E que significado atribuir às relações espacialmente construídas no *layout*? O teórico destacava que nos *layouts* os

arranjos de palavras (como blocos gráficos) e imagens (como blocos gráficos) interagem” [...] ainda que seja estranho pensar em bloco de texto escrito como um ‘bloco gráfico’. Mas, nesses novos arranjos textuais, é isso que ele é (KRESS, 2003, p. 67).

Para amenizar o estranhamento, Kress (2003, p. 67) compara o tratamento imagético dado aos blocos de texto com a possibilidade de leitores fluentes em uma língua tratarem elementos textuais em uma sintaxe também como blocos, que são lidos como tal e não palavra por palavra.

Descardecí (2002, p.22) fez uma pesquisa relevante sobre a leitura de *layout* em práticas reais de letramento. Segundo ela, as pessoas, em suas práticas diárias de leitura de *layouts*, leem todo o conjunto gráfico do *layout* em vez de o fazerem elemento por elemento. Por exemplo, em uma das suas observações, ao receber o tíquete para o café da manhã em uma empresa, o funcionário não lia todos os tíquetes entregues a ele, pois bastava conferir todo o conjunto gráfico do *layout* do tíquete para checar se era um tíquete válido para a empresa (DESCADECI, 2002, p. 22)

Apesar de Kress (2003, p. 67) chamar o *layout* de “modo” composto por elementos cuja realização pudesse ser “por material de qualquer outro modo: escrita, imagem, diagrama”, em Kress (2010, p. 88), ele questiona se o *layout* seria mesmo um modo semiótico, como os demais modos: imagem, escrita, fala, gestual. Para tanto, ele realizou um teste comparativo entre os elementos de um *layout* e os elementos de uma oração coordenada/paratática, a fim de verificar, em relação ao significado ideacional e

interpessoal, se alterações no arranjo de um *layout* prejudicariam a produção de sentido (KRESS, 2010, p. 89).

O teste consistiu na alteração da ordem dos elementos em um *layout*, como se fizesse uma troca de ordem de orações ligadas pelo conectivo ‘e’. Haveria mudanças de sentido, porém ainda haveria como produzir coerência. O mesmo se aplicaria em um *layout* com duas colunas de elementos (blocos); uma de imagem e outra de texto verbal. Kress (2010, p. 89) sugere ser possível alterar a ordem desses blocos entre esquerda e direita porque, embora houvesse alterações da ordem de dado/novo, a depender das duas culturas de leitura existentes no mundo, da esquerda para a direita e vice e versa, ainda haveria como produzir coerência. Entretanto, de acordo com Kress (2010, p. 89), alterações em um nível mais micro prejudicariam a produção de coerência. Por exemplo, alterar a ordem dos elementos dentro de um dos blocos de informação do *layout* ou alterar a ordem das palavras nas orações ligadas pelo conectivo ‘e’.

O resultado do seu teste apontou para a possibilidade de o *layout*, em seu conjunto de elementos, ser um modo que poderia ser ressignificado pelo trabalho semiótico de *design*. Entretanto, o próprio Kress (2010, p. 92) foi cauteloso ao definir o *layout* como modo, porque usou elementos do modo verbal em seu teste comparativo: “não podemos permitir que o antigo pensamento baseado em linguagem verbal restrinja a forma como vemos o modo em uma teoria semiótica” (KRESS, 2010, p. 92). Há risco em atribuir ao *layout* o status de modo, porque essa classificação dependeria de características linguísticas, como a comparação com orações feita em seu teste, o que Kress (2010) evitou fazer para outros modos, pois cada qual tem a suas características: “diferentes modos oferecem diferentes potenciais para a produção de sentido” (KRESS, 2010 p. 79)

Essa postura de considerar as características de cada modo é premissa da teoria semiótica social multimodal proposta por Kress (2010, p. 15). Essa teoria parte da crítica feita ao pensamento logocêntrico do ocidente que, historicamente, usa características do modo verbal, sobretudo o escrito, para analisar toda a comunicação humana. No entanto, Kress (2010, p. 1) entende que é a multimodalidade “o estado normal da comunicação humana”. Para ele, a multimodalidade é a parte da teoria que lida com os modos e seus recursos semióticos utilizados na produção do signo (KRESS, 2010 p. 1-2). Modos são as materialidades (fala, escrita, imagem, gestos) com as quais podemos produzir signos.

Cada modo utiliza os recursos semióticos mais propícios a ele como saliência, moldura, intensidade. Os recursos semióticos são criados com os recursos materiais disponíveis no ambiente como linhas, cores, som, espaços etc. Já a semiótica social é a parte da teoria que pode explicar o significado, suas diferenças de interpretação, intenções, identidades; movidos pela cultura e pelo trabalho semiótico das comunidades de produtores de signos (KRESS, 2010 p. 02). Isso porque os modos “são o resultado da modelagem histórica e social dos materiais escolhidos por uma sociedade para a representação” (KRESS, 2010 p. 11).

Kress (2010, p. 15) compara a primeira visão que os humanos tiveram da Terra do espaço com a visão metafórica que precisamos ter com a linguagem verbal. Ao ver a Terra do espaço, percebemos a limitações do nosso planeta, “uma pequena parte de um todo maior”. Do mesmo modo, a teoria da semiótica social multimodal mostra a limitação da linguagem verbal, as fronteiras dos seus domínios e os seus limites, assim como um satélite mostrou os limites da Terra. A linguagem verbal é um modo entre tantos outros modos, todos com suas limitações e potencialidades como explicam Gualberto e Kress (2019).

Em uma abordagem semiótica social, vários outros meios materiais para produzir significado podem ser reconhecidos e tornados claros. Isso se aplica ao modo imagético e aos seus vários recursos semióticos; utilizados com o mesmo valor do modo verbal e seus muitos recursos semióticos. O ponto crucial é que cada modo, assim como os seus recursos semióticos, traz uma ontologia específica e distinta. (p. 579)

Gualberto e Kress (2019, p. 582) dão um conceito de *layout* relevante para a minha análise neste artigo. Para eles, o *layout* tem lógica modular ao arranjar em uma tela ou página os elementos em posições horizontais/verticais, esquerda/direita, centro/margem. O espaço da tela ou da página é usado para modelar a atenção do leitor/visualizador. Como aponta Kress (2010, p. 92), o *layout* dispõe informação ao invés de nomear, como o modo verbal, ou retratar, como o modo imagético.

Além de conceituarem *layout* do ponto de vista da semiótica social multimodal, Gualberto e Kress (2019) também observam o uso de características do modo imagético no modo verbal pelos profissionais *designers*:

Achamos que o uso espacial do *layout* em telas destaca a concepção da tela em termos muito mais de imagem do que de escrita. Isso é parte da mudança com a qual este capítulo está preocupado: mostrar aqui que aspectos do modo de escrita (como linearidade e muitas vezes sintaxe quase linear), estão sendo moldados pelo crescente dominância (pelo menos de certas características) do modo imagético. (p. 582)

Bezemer e Kress (2016a) fizeram uma observação e um questionamento sobre o *layout* de livros didáticos que me pareceram propícios de serem feitos também sobre os *templates*¹ de plataformas *on-line* de produção de *layout*.

A observação feita por Bezemer e Kress (2016a, p.20) diz respeito ao fato de os textos verbais não mais se organizarem por paragrafação em alguns livros didáticos analisados por eles; mas sim por blocos imagéticos emoldurados ou salientados por algum recurso semiótico como cores, quadros, linhas, tal como se faz com imagens. Já o questionamento feito por Bezemer e Kress (2016a, p.12) seria se a coesão entre os elementos de um *layout*, incluindo os blocos imagéticos de informações verbais, por meio de coesão pelos recursos de moldura e saliência, faz diferença no que e como os estudantes aprendem.

O foco da minha análise neste artigo são os *templates* de *layouts* das plataformas *on-line* gratuitas da internet, que popularizaram a produção de *layouts* por usuários não profissionais. Chama a atenção as novas práticas comunicacionais estabelecidas por essas plataformas. Com base na observação e questionamento feitos por Bezemer e Kress (2016a) e por Gualberto e Kress (2019), além dos estudos sobre *layout* de Kress (2003, 2010), questiono se os usuários produtores de *layouts* das plataformas *on-line* sabem lidar com os blocos imagéticos de informações verbais. E, ainda, se sabem lidar com a conexão entre os elementos verbais e não-verbais de um *layout*, por meio de recursos do modo imagético, em vez de recursos verbais como conectivos, pronomes e parágrafos por exemplo.

Ou seja, em suas práticas de letramento de produção de *layouts* nas plataformas *on-line*, os usuários tomam decisões e fazem escolhas acertadas na lida com os blocos de

¹ Em um verbete da Wikipédia: “*Template* (ou "modelo de documento") é um documento de conteúdo, com apenas a apresentação visual (apenas cabeçalhos por exemplo) e instruções sobre onde e qual tipo de conteúdo deve entrar a cada parcela da apresentação — por exemplo, conteúdos que podem aparecer no início e conteúdos que só podem aparecer no final.” Fonte: <https://bityli.com/1zyXC>. Acesso em 02 de fev. 2021.

As partes de um *template* de plataformas *on-line* são editáveis, clicáveis, permitem o arrasto, o copiar e o colar.

informações verbais? Usam bem os recursos do modo imagético tanto para tratar blocos verbais quanto para conectá-los a outros elementos do *layout*? Considero práticas de letramentos as abstrações, conceitualizações e comportamentos sociais e culturais que dão sentido ao uso das linguagens (STREET, 2014, p. 18).

Para contribuir com as práticas de letramento na produção de *layouts* por meio de *templates* de plataformas *on-line*, inicialmente apresento outros exemplos de *layouts* que utilizam a moldura para criar blocos imagéticos de informações verbais, o que é um exemplo de recurso semiótico do modo imagético usado com o modo verbal. Depois, discuto como os usuários podem lidar com os recursos semióticos do modo imagético para tratar o texto verbal como bloco nos *layout*; e o faço na perspectiva do discurso multimodal de Kress e van Leeuwen (2001) e da semiótica social de Hodge e Kress (1988), além da perspectiva dos estudos sobre *layout* apresentados nesta seção. Também explico o conceito de moldura, saliência e recursos semióticos.

Em um segundo momento, atendo-me ao questionamento sobre as influências das molduras, saliências e conexões imagéticas na leitura dos *layouts*. E proponho dois objetos de análise a respeito dessas influências: um deles são os caminhos de leitura promovidos por esses *layouts*; e o outro, a coesão dos blocos de informação verbal realizada por molduras e saliências.

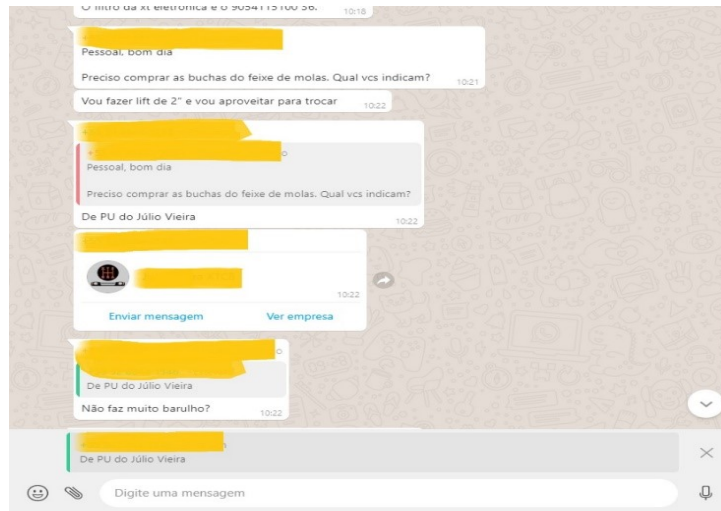
Por fim, analiso esses objetos como recursos utilizados em dois diferentes *layouts*: *whitepaper* e infográficos, ambos com *templates* disponíveis nas plataformas *on-line* de *templates* de *layouts*. Na análise, utilizo critérios de van Leeuwen (2005), Kress e van Leeuwen (2006) e Paiva (2009) com a intenção de promover o letramento crítico necessário para que os usuários, incluindo professores e estudantes, possam criar *layouts* bem intencionados nas plataformas *on-line*. Por exemplo, aponto como os recursos foram utilizados nos *layouts* analisados, qual o seu objetivo, bem como seus potenciais e limitações, incluindo o uso mal intencionado que se pode fazer deles por agentes de reprodução da hegemonia de poder e de interesses do mercado (FAIRCLOUGH, 2001) e (HODGE, 2017).

O USO DA MOLDURA E DA SALIÊNCIA EM BLOCOS VERBAIS DE INFORMAÇÃO

Bezemer e Kress (2016a) reuniram livros didáticos de diferentes épocas a fim de analisarem as mudanças de *layout* e uso de imagens. Uma de suas observações sobre os livros contemporâneos foi o uso mais frequente de quadros e fundos coloridos como separadores de textos verbais nos *layouts* ao invés do uso de parágrafos. Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 177), recursos como quadros, fundos coloridos e linhas são recursos materiais com os quais se cria o recurso semiótico de moldura. Já o destaque por meio de cores, tamanho e tipo da fonte, sublinhados e negritos são recursos materiais com os quais se cria o recurso semiótico de saliência. Moldura e saliência são responsáveis pelos níveis de conexão e desconexão dos elementos em *layouts*. A moldura e a saliência estão relacionadas à metafunção visual da Composição, responsável, por sua vez, pelo arranjo coerente dos elementos em um *layout* (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.177). Para Bezemer e Kress (2016, p. 20), há uma mudança de modo ocorrendo nos *layouts* dos livros didáticos, pois os blocos de textos verbais nos exemplares analisados foram tratados pelos *designers* como entidades imagéticas e conectados entre si. Não por elementos coesivos do modo verbal, mas por elementos do *layout*, enfim, com molduras e saliências.

Há razões para crer que esse fenômeno está ocorrendo amplamente nos textos das tecnologias digitais da informação e comunicação. Por exemplo, o aplicativo de conversas mais utilizado no Brasil faz uso do recurso de moldura para marcar a autoria dos turnos de conversação, bem como a possibilidade de emolduramento do turno que se deseja responder particularmente dentro de um diálogo em grupo, como visto na Fig1.; em que o último bloco traz o recurso de responder a turno específico: “Não faz muito barulho?” em fundo branco é um pergunta para o turno “De PU do Júlio Vieira” em fundo acinzentado, turno este dito anteriormente, porém, recuperado pelo recurso do aplicativo.

Figura 1 – Turnos emoldurados



Fonte: *print* do app mensageiro do autor

Em decorrência do sucesso com usuários do recurso de *stories* de uma rede social, sites de notícias lançam mão de recurso semelhante, em que o texto verbal é tratado como blocos imagéticos, como visto na Fig. 2, que traz um dos blocos com fundo verde e palavras em fonte negritada.

Figura 2 – *Storie* de notícias com blocos imagéticos de informação verbal



Fonte: seudinheiro.com

O recurso da moldura e suas ressignificações não são usados apenas no ambiente digital. O recurso da moldura foi utilizado por Santana (2020) em seu grafite, por meio do qual ele atribuiu um novo status artístico à pichação Fig. 3.

Figura 3 – Grafite “Deus é mãe” em Belo Horizonte – MG



Fonte: Jornal O Tempo <https://bityli.com/j40qe>

A moldura não é um recurso semiótico novo na linguagem. A Fig. 4 traz a foto de uma parede de pictogramas de hieróglifos egípcios. Destaco o uso de linhas e cartuchos². Os cartuchos nos pictogramas egípcios, uma linguagem imagética, são as molduras em formas ovais, que reúnem alguns hieróglifos em destaque, geralmente representam nomes próprios.

² Segundo Robinson (1995, p. 24), a palavra “cartucho” foi utilizada pelos soldados napoleônicos que encontraram a importante Pedra Roseta em 1798, no Egito (datada do séc. II a.c.), para se referir à forma ovalada que emoldura alguns hieróglifos nos pictogramas egípcios. Esse formato lembrava metonimicamente os cartuchos de munição de suas armas.

Figura 4 – Pictogramas de hieróglifos egípcios emoldurados em dois cartuchos



Fonte: UOL <https://bityli.com/MFU79>

A PRÁTICA COMUNICACIONAL DOS *TEMPLATES*

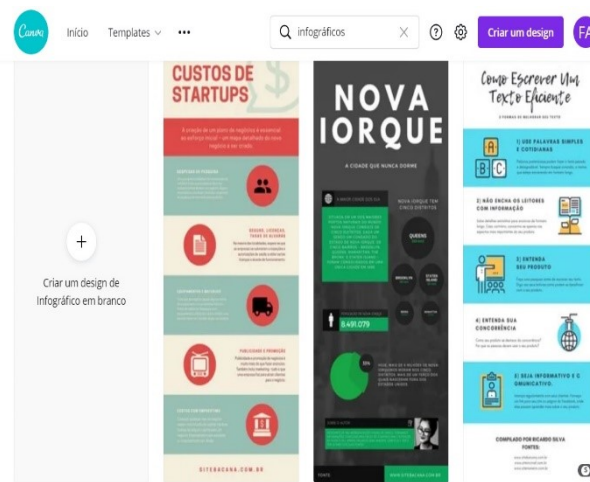
Kress e van Leeuwen (2001) definem prática comunicacional como

a escolha do modo de realização do discurso que está mais apto a um propósito específico, a um público e à ocasião da produção do texto [...] que envolve seleção da forma material de realização entre um repertório cultural e do modo que o produtor julga ser mais efetivo em relação aos seus propósitos e o discurso a ser articulado. (p. 30-31)

No meio digital, sobretudo *on-line* na internet, algumas plataformas digitais proporcionam aos usuários novas práticas comunicacionais, como a possibilidade de tratar o texto verbal como blocos imagéticos. Essas plataformas oferecem *templates* de *layouts* contemporâneos como, por exemplo, cartazes, apresentações, videoaulas, infográficos, convites, *whitepapers*, pôsteres, entre outros. Em comum, todos esses *layouts* podem ser produzidos com diferentes modos: o imagético (estático ou em movimento), o verbal escrito e o sonoro, incluindo diversos recursos semióticos, como linhas, molduras, quadros etc.

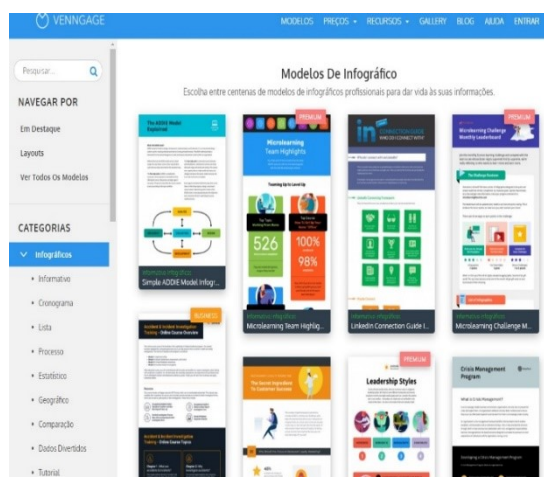
Os usuários médios de plataformas *on-line* de *layouts* como Canva e Venngage³, Fig. 4 e 5, optam por essas plataformas para produzirem *layouts* úteis para seus propósitos, seu público e para a ocasião de interação com ele. Os usuários sabem que os recursos oferecidos por essas plataformas são efetivos para articular o seu discurso, principalmente porque eles serão bem aceitos pela comunidade interpretativa da qual fazem parte. Em se tratando de recursos culturais e de linguagem, seu uso e a criação e recriação que se fazem deles são motivados: o significado depende do outro e da sua comunidade interpretativa (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Figura 4 – Templates Venngage



Fonte: venngage.com

³ As plataformas possuem os mesmos princípios de usabilidade e *layout* a partir de exposição de *templates*. Elas estão disponíveis na versão *web* em navegadores de internet e também para *smartphones* com sistema *Android* ou *Apple iOS*. Além dos infográficos e *whitepapers*, elas possibilitam a criação de apresentações, *handouts*, pôsteres, documentos, livretos, certificados, convites, vídeos, cartazes, dentre outros. Alguns aspectos facilitam muito sua utilização pelo usuário. Suas funções e recursos são de aplicação intuitiva, desde que se tenha algum conhecimento básico em processadores de textos.

Figura 5 – *Templates Canva*

Fonte: canva.com

Na perspectiva da semiótica social de Hodge e Kress (1988), todo a produção do signo é motivada. O produtor de signo considera todos os recursos e modos disponíveis, assim como os potenciais e as limitações oferecidos por eles, para ressignificar e gerar mudanças. São considerados também a motivação, a origem do signo a ser ressignificado, o destino e o público que vai lidar com o novo signo criado nas produções de significado. Para Kress (2010, p. 57), a principal diferença em favor da abordagem semiótica social multimodal, em comparação com as abordagens puramente linguísticas ou pragmáticas, é a consideração dos recursos disponíveis para a produção do signo.

Para Bezemer e Kress (2016b, p.10), os recursos semióticos disponíveis em um ambiente de linguagem, como as plataformas de *layouts*, são *affordances*⁴ disponíveis para os produtores de significado e de *layouts*. Os usuários das plataformas *on-line* agem sobre os *templates*, ressignificando-os, alterando-os, a partir de suas motivações, considerando seus objetivos para com o seu público. Eles realizam a prática comunicacional graças à *affordance* dos *templates*, que propiciam aos usuários a produção de *layouts* os mais diversos, com diferentes recursos e modos semióticos aceitos e consumidos pela comunidade interpretativa desses usuários.

⁴ O psicólogo James Gibson criou o termo *affordance*. De acordo com Santos (2014, p. 04), *affordance* para Gibson é o que o meio ambiente oferece ao animal (sic), ao indivíduo que, por sua vez, aprende a lê-las, explorando as superfícies ambientais, sem necessidade de tutoria. Para Gualberto e Santos (2019, p.9-10), Bezemer e Kress (2016b) ampliaram o conceito de *affordance* do meio ambiente ecológico para o ambiente de linguagem.

Para compreensão dos recursos e modos utilizados nas molduras desses *templates*, é preciso definir a diferença entre recursos materiais, recursos semióticos e modos semióticos, conceitos tão explorados quanto diluídos nas obras de Gunther Kress e suas parcerias. Gualberto e Santos (2019) sintetizam bem a diferença entre esses conceitos:

[...] podemos nos questionar como recursos semióticos, por exemplo, de molduras, saliência etc. materializam-se e se realizam em uma determinada comunidade comunicativa por meio das possibilidades materiais de cada modo; como as comunidades fazem o uso desses recursos na imagem, na fala, na escrita etc. Na modalidade oral, por exemplo, a moldura pode se realizar pelas possibilidades do som. O silêncio entre uma unidade e outra pode ser uma marca de moldura. Na imagem, as molduras podem se realizar por meio de linhas ou espaços. (p.11-12)

Portanto, recursos materiais são aqueles disponíveis no ambiente cultural ou de linguagem, como linhas, cores, som, espaços etc.; com os quais criamos recursos semióticos como saliência, moldura, intensidade que, por sua vez, realizam os modos semióticos: fala, escrita, imagem etc. A partir do modo semiótico que os produtores vão utilizar para criar seus *layouts* (imagético, por exemplo), eles têm à sua disposição recursos materiais desse modo (como linhas e cores) com os quais vão criar recursos semióticos (moldura, por exemplo) para compor o seu *layout*.

É provável que a boa aceitação dos *templates* das plataformas *on-line* advinha do fato de eles permitirem que os usuários ‘pulem’ a etapa de escolha dos recursos materiais como linhas e cores, ou pelo menos que os usuários tenham disponíveis os recursos semióticos prontos, como as molduras.

A prática comunicacional na lida com os *templates* de *layouts* das plataformas envolve procedimentos diferentes de outras produções textuais não apenas em relação ao impresso, mas também se comparada com outras produções em ambiente digital. Se a tela de editores de textos digitais como o *Microsoft Word* ou o *Libreoffice Writer* parecem metáforas visuais de uma folha de papel em branco sobre a qual se escreve, os *templates* parecem ser metonímias de produção textual. A produção em si dos *layouts*, ou seja, o trabalho dos usuários de atuar nos *templates* das plataformas, é direcionado pela contiguidade entre os recursos semióticos de um *layout*, isto é, pela escolha, a substituição, a aproximação e a confrontação de elementos contíguos.

Diante de um *template*, o produtor toma decisões sobre qual elemento substituir, por qual outro; enfim, que foto, imagem, moldura, saliência disponíveis se aproximam do *layout* escolhido? São decisões contínuas tomadas a partir de confrontações entre os recursos presentes no *template* original e os recursos externos a ele que o produtor escolherá para incluir. Além disso, há escolhas sobre alterações nos recursos presentes no *template* como substituição de cor, tipo de tracejado, de moldura e posições na página. Escolhas essas tomadas por aproximação e confrontação entre as possibilidades contíguas possíveis e disponíveis nas plataformas ou até mesmo fora delas, pois elas permitem *upload* de imagens.

BLOCOS IMAGÉTICOS DE INFORMAÇÃO VERBAL; CAMINHOS DE LEITURA E COESÃO POR MOLDURAS E SALIÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE SENTIDO

Bezemer e Kress (2016a, p. 12) questionam se as mudanças no *layout* das relações entre o imagético e o verbal nos livros didáticos analisados por eles fazem diferença no que e como os estudantes aprendem. É possível que o *layout* possa influenciar a leitura de duas maneiras. A primeira delas é em relação aos caminhos de leitura. Kress e van Leeuwen (2006, p. 205) observam que cada tipo de caminho de leitura em uma página pode ter um significado diferente. Caminhos não lineares, circulares, diagonais, em espiral tendem a permitir mais liberdade do leitor para iniciar pelo centro, pela margem; pela direita ou pela esquerda da página ou tela. Diferentemente, caminhos de leitura mais verticais ou horizontais tendem a direcionar o leitor para uma leitura linear, hierarquizada, mais rígida. A preocupação de Bezemer e Kress (2016a, p. 18) é relativa à necessidade de os leitores dos livros didáticos analisados por eles terem mais trabalho para produzir coerência em caminhos de leitura não lineares e com conexões estabelecidas por recursos visuais de moldura e saliência, bem como pelo fato de o texto verbal ser tratado como blocos imagéticos.

Entretanto, outros estudos têm demonstrado que caminhos de leitura não lineares produzidos por *layouts* de textos imagéticos não são empecilho para a sua compreensão. Com seu teste, Dias (2008) chegou à conclusão que os caminhos de leitura não lineares são perfeitamente possíveis, graças à capacidade de o leitor aprender a navegar pela página à medida em que a lê. Em Paiva (2009, 2013) aponte conclusões semelhantes com

outros testes. Coscarelli (2007) e Ribeiro (2008) também compararam a leitura do impresso e do digital, obtendo as mesmas impressões positivas sobre a leitura não linear. Um empecilho apontado por Coiro *et al* (2011) seria o erro em insistir em utilizar as habilidades e estratégias de leitura lineares para ler textos não lineares. Não haver dificuldade de leitura de *layout* não linear não significa que há diferenças de sentido. Por exemplo, Gualberto (2016) analisou o *layout* de livros didáticos brasileiros e demonstrou como os caminhos de leitura escolhidos por cada livro determinaram suas concepções de ensino e aprendizagem.

A segunda maneira como o *layout* pode influenciar a leitura é em relação às conexões coesivas dos textos por meio de molduras e saliências; sobretudo pelo fato de os textos serem tratados como blocos imagéticos de informação, o que poderia cobrar mais esforço do leitor, segundo Bezemer e Kress (2016a, p. 18). Em relação à conexão por meio de molduras e saliências entre imagem e texto verbal, no teste de Paiva (2013, p. 129), leitores estudantes precisaram lidar com fixação do cursor para salientar imagens emolduradas a fim de lerem informações imagéticas e verbais em umas das tarefas de leitura de infográfico digital. Tratava-se de um *layout* cuja conexão entre as informações verbais e imagéticas dependia do emolduramento de diferentes imagens. O resultado de Paiva (2013, p. 129-130) foi a necessidade de mais tempo para os estudantes responderem, o que não resultou, contudo, em respostas erradas. Ou seja, como em leituras reais do dia-a-dia, sem a necessidade de controle de tempo, a tarefa foi bem executada pelos estudantes. Novamente, assim como se aprende a ler textos não lineares lendo-os, aprende-se, do mesmo modo, a fazer conexões entre informações por meio das molduras e saliências.

Em relação ao tratamento dos textos como blocos imagéticos de informação, o problema pode ser real. Ainda que o leitor aprenda, durante a leitura, a compreender a relação entre informações verbais e a moldura que as acompanha, pode, de fato, haver falta de informação verbal que impeça a produção de coerência. Manovich (2011, p.151) é crítico da concepção de visualização de informação chamada por ele de ‘reduzir para caber’, isto é, o *designer* gráfico reduz em topografias as imagens de um fenômeno ou evento para caberem em uma página, perdendo informações ou prejudicando a sua compreensão nesse processo. Por exemplo, utilizar gráficos de barras para representar quantidade e espaço ou criar desenho em escala reduzida para abarcar toda uma imagem complexa de uma

cidade em mapas. É provável que, ao dar tratamento aos textos como blocos imagéticos de informação, haja o risco de se reduzir a quantidade de texto verbal para caber em uma moldura, prejudicando a produção de coerência.

Por exemplo, em Paiva (2014), analisei um infográfico premiado por apresentar a bilheteria de *Hollywood* entre 1986 a 2008 que pretendia reduzir muitas informações em uma página. Entretanto, ele recebeu críticas de outros *designers* por falta de informações, principalmente a falta de informações verbais, como conclui.

Outros modos deveriam ser articulados às formas ameboides para compensar sua limitação – imprecisão de medidas exatas – [...] poderia ter sido considerado também o potencial de significar do modo verbal, aliado às formas ameboides, utilizando para isso o recurso de fixação com o cursor sobre os ameboides para apresentação de informações verbais; recurso esse que foi usado, porém, os quadros que surgem não apresentam as informações [...]. Para representar dados quantitativos exatos, o modo verbal é reconhecidamente adequado. (PAIVA, 2014, p. 890-891)

Infográficos como o analisado fazem parte de estratégias do capitalismo tardio, cujo objetivo é agregar usuários, a fim de levá-los a fazerem coisas. Fairclough (2001, p. 84) diz que as técnicas de poder chamadas por Foucault de ‘exame’ e ‘confissão’ e os gêneros discursivos em que mais comumente essas técnicas se realizam, as entrevistas e os aconselhamentos, respectivamente, estão cada vez mais tecnologizados, no intuito de intervir nos discursos e disciplinar os sujeitos para o consumismo. Fairclough (2001, p. 84) chama essa intervenção de *tecnologização* do discurso: uma estratégia de prática reprodutiva de discursos de convenção e manutenção do poder por meio da mídia com interesses de mercado. A *tecnologização* do discurso consiste no refinamento extremo da linguagem, utilizando-se de recursos tecnológicos que servem mais para criar identificação com uma marca, uma ideologia ou grupo, do que para criar comunicações sociais e politicamente relevantes. Mais adiante, na análise do *whitepaper* e dos infográficos, explicarei como seus *layouts* podem ser usados para a intervenção tecnologizada do discurso.

Além do refinamento da linguagem, a falta dela é tanto quanto um modo de *tecnologização* do discurso, na medida em que, por exemplo, não se utiliza algum recurso de salientar informação, justamente para deixá-la opaca para o leitor. Como ressalta Hodge (2017, p. 07), essas estratégias de *tecnologização* do discurso são utilizadas pelo

poder hegemônico para transparecer uma aparente legalidade e um espontâneo consentimento, isto é, gerar indiferença e aceitação passiva do que consumimos.

Plataformas de *templates on-line* são parte dessas estratégias de prática reprodutiva com fins mercadológicos. Entretanto, o próprio Fairclough (2001, p. 62) não desconsidera a capacidade de mudança e transformação que reside nas pessoas por meio de sua agência, ou seja, sua capacidade de agir sobre a sociedade. Entre vários modos de fazê-lo, também por meio do discurso. As práticas de agenciamento reprodutivo, como a *tecnologização* do discurso, deixam em segundo plano as práticas comunicacionais de agenciamento transformador da sociedade. Entretanto, elas existem e são possíveis de execução porque a própria natureza das práticas comunicacionais é de transformação, ao passo que artificiais são as tentativas de barrar as transformações.

Portanto, é possível utilizar as plataformas para produção de *layouts* social e politicamente relevantes, desde que baseados em práticas de letramentos que considerem analisar as causas e efeitos das escolhas tomadas pelos produtores e leitores.

PRÁTICAS DE LETRAMENTOS PARA O USO DOS *TEMPLATES* DE *LAYOUTS*

Apresento e analiso escolhas de caminhos de leitura e escolhas de coesão por molduras e saliências de blocos imagéticos de informação verbal nos *layouts* de um *whitepaper* e um infográfico. Essas escolhas influenciam a produção de coerência e significado. O objetivo é contribuir para o fortalecimento de práticas de letramentos desses *layouts*, principalmente para os usuários que utilizam os *templates* das plataformas *on-line*, assim como para o trabalho com eles no ensino e aprendizagem nas escolas.

Optei, como metodologia, por separar os dois tipos de escolhas a partir da classificação proposta por Kress e van Leeuwen (2006, p. 177) para *layouts* integrados, que são integrados de duas formas: temporal e espacialmente. A primeira forma de integração, a temporal, ocorre em textos que dependem de ritmo temporal e sequencial como nos *whitepaper*, páginas de documentos, linhas do tempo etc., que será a Escolha 1. Geralmente, o caminho de leitura desses *layouts* é tido como linear. A segunda forma de integração do *layout*, a espacial, ocorre em textos cujos elementos estão simultaneamente presentes na página, como nos infográficos, cartazes, gráficos etc., que será a Escolha 2. Geralmente, o caminho de leitura desses *layouts* é tido como não linear. Para Kress e van

Leeuwen (2006, p. 177), a moldura e a saliência são organizadoras dos elementos nesses *layouts* integrados, indicando caminhos de leitura e coesão entre os elementos. Para Kress (2003, p. 57), a saliência pode indicar equivalência de sentido entre elementos de um *layout*: dois blocos de texto sublinhados podem guardar semelhanças, bem como podem ser hierarquicamente mais importantes do que os blocos não sublinhados.

Utilizei a categoria de *layout* Rima na Escolha 1. Rima, para van Leeuwen (2005, p. 13), se refere ao *layout* em que dois elementos, mesmo que separados, possuem algo em comum. Por exemplo, blocos imagéticos de informação verbal são usados juntamente com textos verbais paragrafados em um mesmo *layout*; no entanto, esses blocos estão relacionados entre si – rimam – por meio de algum recurso que usam em comum, como sublinhado, negrito e cores semelhantes, além da falta de recuo de parágrafo nas primeiras linhas.

Utilizei também as categorias de *layout* Integração e Separação na Escolha 2. Para van Leeuwen (2005, p.13), na Integração, “texto e imagem ocupam o mesmo espaço - ou o texto é integrado (por exemplo, sobreposto) ao espaço pictórico, ou a imagem é sobreposta no espaço textual”. Por exemplo, blocos imagéticos de texto verbal e imagem ocupam o mesmo espaço delimitado por moldura. Por outro lado, na Separação, van Leeuwen (2005, p. 13) diz que “dois ou mais elementos são separados por um espaço vazio, e este sugere que eles devem ser vistos como semelhantes em alguns aspectos e diferente em outros”. Por exemplo, os blocos verbais e as imagens podem estar separados por espaços, denotando informações distintas, mas que se complementam ao se ativar algum recurso de *layouts* digitais, como salientar informações com a fixação do cursor na tela ou por meio de *hyperlinks*.

As categorias Rima, Integração e Separação foram usadas nas análises para fundamentar as críticas às escolhas 1 e 2 no que elas podem gerar de práticas de agenciamento reprodutivo. Por fim, recorri às conclusões às quais cheguei sobre os infográficos de informação simultânea em Paiva (2009, p. 78-79) na análise da Escolha 2.

Escolha 1: leitura sumarizada em *whitepaper*

A leitura sumarizada é uma dessas escolhas de caminhos de leitura e escolhas de coesão por molduras e saliências. Ela consiste em leituras seletivas, feitas por quem busca por

índices que lhe indicam se será necessário e proveitoso ler todo o texto. Como exemplo, Kress e van Leeuwen (2006, p. 205) citam cientistas que leem primeiro os gráficos ou a metodologia de um artigo para se decidirem pela leitura por completo. Ou estudantes se preparando para exames que buscam destaques para estudo nos índices de livros didáticos.

O *whitepaper* é um *layout* que possui entre 20 a 30 páginas com texto verbal, imagens, gráficos, tabelas, que fornece dados detalhados sobre um tema. Ele conta com *templates* nas plataformas *on-line*. O *whitepaper* propõe a leitura sumarizada, utilizando recursos de molduras que tratam os textos verbais como blocos imagéticos, além de utilizar recursos de saliência nos textos verbais, como sublinhado, negrito e cores. Portanto, ele pode sugerir um caminho de leitura diferente para o leitor, em vez da leitura do texto por completo e linearmente.

Chama a atenção no *whitepaper* da Fig. 6 a falta de parágrafos, uma vez que o texto verbal foi utilizado como bloco imagético, sugerindo a diferença entre blocos verbais imagéticos e parágrafos de texto verbal, também presentes no *whitepaper*. O emolduramento e a saliência dos blocos de informação verbal sugerem que eles podem ser lidos independentemente das outras informações verbais que possuem parágrafos e não estão emoldurados ou salientados, para que, ao final, o leitor possa avaliar se é necessária a leitura completa do *whitepaper*. É possível garantir coerência na leitura dos blocos em destaque por recursos de saliência como cores, sublinhados e negritados, independente das outras informações verbais.

Figura 6 – Página de *whitepaper*



Fonte: <https://bityli.com/HSmJF>

Para desenvolver esse recurso de leitura sumarizada, o produtor do *layout* precisa pensar em dois processos de produção paralelas: o processo dos blocos de informações verbais com molduras e saliências e o processo do *layout* por completo; considerando, ainda, que o primeiro precisa estar integrado ao segundo. Não basta dar destaque às partes importantes do texto, pois o que estiver emoldurado e salientado precisa fazer sentido por si só, com o objetivo de servir de índice, de sumário de leitura para o todo.

Outra opção é criar um índice convencional no início do documento, como em livros e *e-books*, e fazer referência aos tópicos do índice com molduras no corpo do documento. O importante é que seja possível construir coerência por meio de relações lógicas e evidentes entre os recursos utilizados. Por exemplo, os tópicos dos índices podem ser organizados por cores, cada qual relacionada a um capítulo do documento: azul remetendo às molduras azuis e assim por diante.

A escolha pela leitura sumarizada pode estar relacionada com a categoria de *layouts* chamada de Rima por van Leeuwen (2005, p.13). No *layout* do *whitepaper*, os blocos de informações verbais encontram-se em várias posições na página, porém, relacionam-se entre si pelo efeito da rima (aproximação), por estarem destacados ora por sublinhados, ora por negritados, e até mesmo por fonte colorida em vez do preto dos parágrafos. Essa semelhança pelo destaque, pela saliência da informação, garante a rima entre os blocos verbais. A crítica à Escolha 1 diz respeito ao fato de o leitor considerar a leitura dos blocos destacados como a única e definitiva, por ser considerada ‘mais rápida e fácil’. Do ponto de vista do produtor, é possível que ele tenha optado realmente por transparecer essa facilidade, motivado por razões de mercado, de quem o contratou ou da avaliação de sua comunidade interpretativa como ávida por consumir informações rapidamente. É preciso que o objetivo do *layout* de sumarizar todo o documento seja bem executado.

Portanto, criar rima entre os elementos do *layout* é pouco e denota intenções, no mínimo, opacas, do produtor. Rima remete apenas a semelhanças de sentido e significado, ainda mais como feito na Fig. 6, cujos recursos para ‘rimar’ os blocos imagéticos de informação verbal variaram entre: sublinhado, negrito e cores. São precisos *links* ao invés de rimas nas leituras sumarizadas. Por exemplo, *links* que conectem os blocos verbais destacados por meio de relações evidentes de cores ou por meio de interseções das linhas de

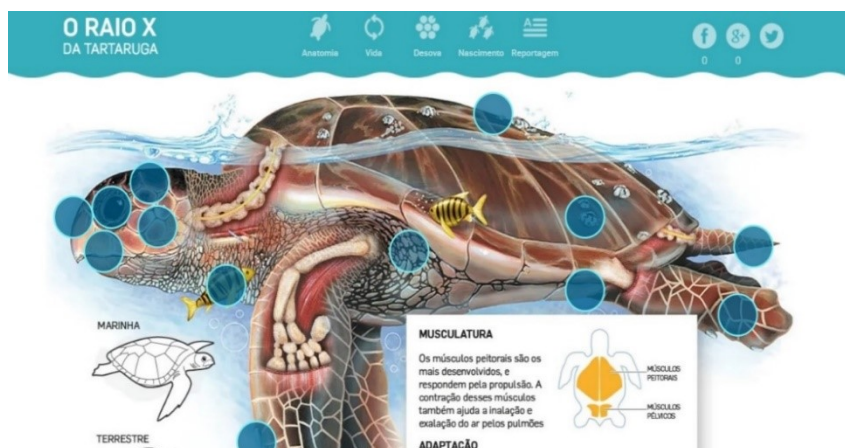
molduras, em vez de separadas por espaços em branco que denotam muito distanciamento entre os blocos verbais e os parágrafos.

Escolha 2: leitura simultânea em infográfico

A leitura simultânea é a outra escolha de caminhos de leitura e escolhas de coesão por molduras e saliências a ser analisada. Ela consiste em leituras integradoras entre informações presentes em modos semióticos diferentes em um *layout*, como nos infográficos, que contam com diversos *templates* nas plataformas *on-line*. Em Paiva (2009, p.77), chamei de infográficos de informação simultânea aqueles organizados do centro para as margens, que apresentam todas as características e informações do seu assunto de forma simultânea em uma página ou tela, diferente de *layouts* cuja exposição de informações se dá em sequência linear como o *whitepaper* da Escolha 1. Para Kress (2010, p. 81), a simultaneidade de exposição dos elementos é um recurso do modo imagético que o diferencia sobremaneira do modo verbal, que tende à linearidade temporal.

Os infográficos podem conter imagens naturalísticas e topográficas. As naturalísticas são o que Kress e van Leeuwen (2006, p.165-166) chamam de padrão naturalístico fotográfico, aquele que se aproxima mais da realidade sensorial. É o que Manovich (2011, p. 167) classifica como outros *layouts* feitos a partir de visualizações de imagens que provavelmente fazem parte do repertório do leitor. Diferentemente das imagens topográficas, que utilizam topografias de relação espacial, como barras que formam um gráfico, por exemplo, demandando do leitor interpretar o que uma barra significa em um gráfico visto pela primeira vez. O infográfico da Fig. 7 é um infográfico de informação simultânea. Ele utiliza imagens naturalísticas de uma tartaruga. Nele, ao se fixar o cursor sobre pontos da imagem central da tartaruga, é possível garantir coerência na leitura das legendas que surgem nas margens como blocos imagéticos de informação verbal, as relacionando à imagem.

Figura 7 – Infográfico O raio X da tartaruga



Fonte: estadão.com.br / <https://bityli.com/a9Wgx>

Por sua vez, o infográfico de informação simultânea da Fig. 8 utiliza topografias de barras, cuja dimensão de espaço representa quantidade que, ao mesmo tempo, são linhas que representam direcionamento. Ao se fixar o cursor sobre alguma das bandeiras em infográfico digital (à direita), é possível garantir coerência na leitura das informações que surgem na parte inferior como blocos imagéticos de informação verbal, as relacionando à barra/linha que se torna saliente.

Figura 8 – Infográfico Os jogadores das Copas



Fonte: estadão.com.br / <https://bityli.com/15XDp>

A ideia de simultaneidade está relacionada ao exercício integrador feito pelo leitor de relacionar, comparar e sintetizar informações imagéticas e verbais, por exemplo, na Fig. 7, entre as partes da tartaruga (imagem) e suas características (verbal); e, na Fig. 8, entre as barras/linhas (imagem), que representam quantidades de jogadores, onde jogam e outras informações pessoais, como seus nomes e países de origem na parte de baixo (verbal).

A Fig. 9, capturada por *Eye tracking*⁵, ilustra os movimentos desse exercício integrador feito pelo olhar do leitor entre informações verbais e imagéticas em uma página de jornal que contém imagens e texto verbal integrados, representados pelas linhas vermelhas: ora direcionados para a imagem, ora para o verbal. O rastreamento ocular – *Eye tracking* – indica à esquerda, direções do olhar de pessoa lendo a página de jornal com integração entre imagem e texto verbal. Há mais representação de simultaneidade à esquerda do que no topo da página à direita, com predomínio do texto verbal.

Figura 9 – Rastreamento ocular de leitor de página de jornal



Fonte: Kanno (2013, p. 27).

⁵ Aparelho em formato de óculos que captura a direção, as sacadas e o tempo de fixação do olhar humano.

Para desenvolver o recurso de leitura simultânea, o produtor do *layout* precisa considerar que o leitor vai integrar informações de modos semióticos diferentes. Além disso, se a escolha for por infográficos de padrão topográfico, como o da Fig. 8, o leitor terá que compreender o que a topografia representa antes de integrá-la à informação verbal. O leitor precisará dessa compreensão para determinar o caminho de leitura a seguir e, conseqüentemente, produzir coerência. Em ambos os casos, tanto nos infográficos com imagens de padrão naturalístico quanto de padrão topográfico, a coesão entre imagens e os blocos imagéticos de informações verbais vai depender dos constantes movimentos integradores representados na Fig. 9.

Gualberto e Kress (2019, p. 582), ao compararem livros didáticos do início e do final do século passado, afirmaram que a complexidade dos textos verbais dos primeiros livros foi substituída pela complexidade das imagens e das relações destas com o texto verbal nos livros mais recentes. Ou seja, a complexidade de leitura sempre existiu. Somado a isso, a quantidade de informações verbais precisa ser o suficiente para que seja possível produzir coerência. Pois a redução dessas informações para caberem em pequenas molduras, como mostradas na Fig. 7, é a norma entre *designers* infografistas profissionais como Kanno (2013), além de Cairo (2008), para quem um infográfico pode até mesmo não conter informação verbal alguma. Entretanto, como supracitado, mesmo infográficos premiados e de grandes jornais podem conter o problema da falta de informação verbal (PAIVA, 2014, p. 890).

A escolha pela leitura simultânea pode estar relacionada com duas categorias distintas de *layouts* propostas por van Leeuwen (2005, p.13). A primeira delas é a Integração, em que blocos imagéticos de texto verbal e imagem ocupam o mesmo espaço, caso da Fig. 7, porque todos os blocos imagéticos de informação verbal surgem sobre a imagem central da tartaruga. A segunda categoria é da Separação, em que os blocos imagéticos verbais e as imagens são separadas por espaços vazios, sugerindo que há semelhanças e diferenças entre eles, que é o caso da Fig.8. Porque, embora relacionados à imagem, os blocos imagéticos de informação verbal surgem embaixo na página, separados das imagens na Fig. 8. Além disso, blocos verbais e imagens possuem semelhanças e diferenças na Fig. 8. Nem todas as informações verbais e imagéticas se relacionam como na Fig. 7. Na Fig. 8, a relação é intrincada e complexa, pois cada barra/linha representa quantidade e direção diferentes, bem como se relacionam a jogadores e clubes de futebol diferentes (barra de

bandeiras horizontal inferior); entretanto, todos jogam pelo mesmo país em sua seleção de futebol nacional (barra de bandeiras horizontal superior).

A crítica à escolha 2 diz respeito à imprecisão que ela pode gerar. É possível diferenciar a espessura das barras/linhas da Fig. 8 e produzir o significado segundo o qual elas representam quantidade diferentes de jogadores de futebol, mas a quantidade exata de jogadores por barra não é apresentada. Caso se tratasse de um gráfico de barras convencional, a informação verbal sobre quantos jogadores atuam em cada país estaria nos eixos do gráfico. Na Fig. 8, é preciso contar as bandeiras que acompanham os nomes dos jogadores, informação posicionada na parte de baixo do infográfico, para ter a informação jogadores por barra/linha. Isso gera uma prática comunicacional nova: contar elementos em um *layout* de gráfico, em vez de ele nos apresentar essa conta/resultado visualmente, ou pelo menos de forma conjunta com a informação verbal.

Essa crítica demonstra que *layouts* como dos infográficos da mídia e dos *templates* encontrados nas plataformas *on-line*, embora possuam potencial informativo, não têm como objetivo se aprofundarem nas informações possíveis sobre um tema. Sua comunidade interpretativa precisa ter em mente o seu propósito de ser um infográfico de introdução sobre a tartaruga para aceitar a reduzida informação verbal na legenda da Fig. 7. Além disso, nessa legenda, ainda foram usadas imagens de padrão topográficos, exigindo mais integração de informação.

Entretanto, em Paiva (2009), analisei recorrências e regularidades na produção e na leitura do infográfico impresso que demonstraram ser *layouts* produzidos por profissionais e lidos pelos leitores com práticas comunicacionais bem definidas. Como capacidade de os leitores integrarem informações de modos semióticos distintos e escolhas de diferentes caminhos de leituras sem incorrer em leitura errada. Portanto, desde que se tenha em mente os objetivos introdutórios de um infográfico da mídia jornalística, bem como de infográficos produzidos a partir de *templates* das plataformas *on-line*, as escolhas por recursos de leitura simultânea não serão empecilhos para as práticas comunicacionais com infográficos. Ainda mais se considerarmos a capacidade de ressignificar o signo, a depender das motivações da comunidade interpretativa (HODGE; KRESS, 1988).

Essa capacidade de ressignificação é tão evidente a ponto de vivenciarmos o modo verbal ser tratado com recursos de moldura e saliência típicos do modo imagético. Mais do que

isso, de chegarmos ao ponto de conceitos de caminhos de leitura lineares e não lineares como os apresentados por Kress e van Leeuwen (2006, p. 205) precisarem ser reconsiderados em decorrência de mudanças; pois o *whitepaper* da Fig. 6, considerado um documento de leitura linear, apresenta recursos de leitura sumarizada que sugerem caminhos de leitura não lineares. Por outro lado, infográficos de informação simultânea como o da Fig. 8, pacificamente considerado promotor de caminhos de leitura não lineares, demandam uma compreensão inicial do leitor sobre seu funcionamento, sem a qual ele não pode escolher qual caminho de leitura seguir.

Entretanto, a crítica mais preocupante diz respeito ao fato de produtores de conteúdo digital de empresas e corporações utilizarem justamente a capacidade introdutória dos infográficos para gerar identificação dos usuários com as marcas e produtos que podem ser representados neles. Infográficos que buscam ‘oportunidade de negócios’ são o objetivo de muitos produtores de conteúdos digitais a serviço de interesses do mercado e suas corporações. Trata-se de uma prática recorrente na internet. O *whitepaper* também se presta a esse propósito. Por trás do fim aparente de informar ou aconselhar sobre uma utilidade pública, um produto, ou com objetivo educacional, pode se esconder a intenção de direcionar o leitor a consumir um produto ou engajar-se em ideologias de corporações ou grupos. Trata-se do uso de *layouts* altamente *tecnologizados* para intervir na ordem do discurso e disciplinar os sujeitos como consumidores, intervenção essa chamada de *tecnologização* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 84), como já mencionado.

Com a motivação de conseguir consumidores e ‘oportunizar negócios’, as limitações dos *layouts* de infográficos, como informação verbal insuficiente e imprecisão representacional das topologias, podem intencionalmente tornar as coesões por meio de recursos imagéticos confusas, apesar de transparecerem visualmente organizadas; além de poderem tornar os caminhos de leitura direcionados, embora transpareçam ser multilineares e flexíveis. Como ressaltou Hodge (2017, p.07), são estratégias que aparentam legalidade no dia-a-dia de navegação *on-line*, mesmo que sejam estratégias invasivas. Por fim, tudo é feito como se o consentimento do leitor fosse espontâneo; ainda que seja, na verdade, uma aceitação passiva movida por indiferença.

REFERÊNCIAS

BEZEMER, Jeff; KRESS, Gunther. The textbook in a changing multimodal landscape. In: N.-M. Klug & H. Stöckl (org.). *Language in Multimodal Contexts*. New York: De Gruyter. 2016a. Disponível em: <https://bityli.com/mHoyd>. Acesso em: 26 abr. 2021.

BEZEMER, Jeff; KRESS, Gunther. *Multimodality, learning and communication: a social semiotic frame*. London: Routledge. 2016b.

CAIRO, Alberto. *Infografia 2.0: visualización interactiva de información em prensa*. Madrid: Alamut, 2008.

COIRO, J.; CASTEK, J.; GUZNICZAK, L. Uncovering *on-line* reading comprehension processes: Two adolescents reading independently and collaboratively on the Internet: *60th Yearbook of the Literacy Research Association*. Rhode Island, 2011. p. 354-369.

COSCARELLI, Carla V. Hipertexto: quem ensina o quê? *Língua Escrita*, n. 2, dez. 2007.

DESCARDECI, M. A. A. S. Ler o mundo: um olhar através da Semiótica Social. *Educação Temática Digital*. Campinas, v. 3, n. 2, p. 19-26, 2002.

DIAS, Marcelo C. *A influência do modo de organização na compreensão de hipertextos*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FAIRCLOUG, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

GUALBERTO, Clarice L. *Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual*, 2016. 179 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2016. Disponível em: <https://bityli.com/9DV1d>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GUALBERTO, Clarice; SANTOS, Zaira. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. *DELTA*, 35-2 (1-30) 2019.

GUALBERTO, Clarice.; KRESS, G. Contemporary landscapes of visual and digital communication: the interplay of social, semiotic, and technological change. In: *The sage handbook of visual research methods* (pp. 574-590). SAGE Publications, Inc., 2019.

HODGE, Bob. *Social Semiotics for a Complex World*. Wiley. Edição do Kindle. 2017.

HODGE, Robert (Bob).; KRESS, Gunther. *Social Semiotic*. Cambridge: Polity Press, 1988.

KANNO, Mário. *Infografe*. Como e porque usar infográficos para criar visualizações e comunicar de forma imediata e eficiente. Infolide.com: São Paulo, 2013. Disponível em: <https://bityli.com/KhLiO>. Acesso em: 26 abr. 2021.

KRESS, G. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.

KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther.; Leeuwen, Theo. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, Gunther.; Leeuwen, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

MANOVICH, Lev. O que é visualização. (Trad.) RIBEIRO, Ana Elisa., PAIVA, Francis, ROCHA, Vinícius. *Estudos em jornalismo e mídia*. Florianópolis, v. 8 n. 1, p. 146-172, 2011. Disponível em <https://bityli.com/xaZ7S>. Acesso em 26 abril 2021.

PAIVA, Francis A. Análise de discurso multimodal: o uso de topologias em infográfico digital do New York Times. *Linguagem & Ensino*, v. 17, n. 3, p.875-896, set./dez. 2014. Disponível em: <https://bityli.com/JFrDu>. Acesso em: 26 abr. 2021.

PAIVA, Francis A. *Habilidade de leitura e letramentos: o desempenho de estudantes no processamento da leitura de infográficos digitais*. 2013, 294 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://bityli.com/9WdE2>. Acesso em: 26 abr. 2021.

PAIVA, Francis A. *A leitura de infográficos da revista Superinteressante: procedimentos de leitura e compreensão*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, 2009. Disponível em: <https://bityli.com/vDVSQ>. Acesso em: 26 abr. 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. 2008. 243 f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROBINSON, Andrew. *The story of writing*. London: Thames and Hudson, 1995.

SANTANA, Robinho. *Deus é mãe*. 2020. Grafite em empena cega de edifício. Belo Horizonte.

SANTOS, Marcelo. Gibson e seu work in progress ecológico: esboço para uma nova abordagem da comunicação visual? *Dossiê Ecopós*, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/index/index>. Acesso em: 26 abr. 2021.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. London: Routledge, 2005.

NOTAS DE AUTORIA

Francis Arthuso Paiva (francisapaiva@gmail.com) - É Doutor em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras da UFMG, por onde concluiu o Mestrado em Estudos Linguísticos, além de ser especialista em Leitura e Produção de Textos pela PUC-MINAS. É professor e Chefe do setor de Letras do Colégio Técnico da UFMG e professor/sub-coordenador do Mestrado Profissional da Faculdade de Letras da UFMG. Interessa-se por estudos de leitura e letramento digital, sobretudo de textos multimodais; e produção textual, principalmente escrita colaborativa em ambientes digitais..

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

PAIVA, Francis Arthuso. Práticas de letramento e produção de sentido de layouts na multimodalidade. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 98-127, 2021.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Figura 1 – Turnos emoldurados. Fonte: print do app mensageiro do autor.

Figura 2 – Storie de notícias com blocos imagéticos de informação verbal. Fonte: seudinheiro.com.

Figura 3 – Grafite “Deus é mãe” em Belo Horizonte – MG. Fonte: *Jornal O Tempo* <https://bityli.com/j40qe>.

Figura 4 – Pictogramas de hieróglifos egípcios emoldurados em dois cartuchos. Fonte: UOL <https://bityli.com/MFU79>.

Figura 4 – Templates Venngage. Fonte: venngage.com.

Figura 5 – Templates Canva. Fonte: canva.com.

Figura 6 – Página de whitepaper. Fonte: <https://bityli.com/HSmJF>.

Figura 7 – Infográfico O raio X da tartaruga. Fonte: estadão.com.br / <https://bityli.com/a9Wgx>.

Figura 8 – Infográfico Os jogadores das Copas. Fonte: estadão.com.br / <https://bityli.com/15XDp>.

Figura 9 – Rastreamento ocular de leitor de página de jornal. Fonte: Kanno (2013, p. 27).

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 10/05/2021

Aprovado em: 12/07/2021